

# Função Social do Psicólogo

*Tereza Sell (\*)*

A aquisição de identidade é um ponto que nos mostra todo um ordenamento de relações no campo social.

Há uma ordem social que precede o nascimento de cada indivíduo, que precede qualquer desenvolvimento individual, orgânico. Apenas os pressupostos genéticos do 'eu' são dados ao nascer. Há uma grande plasticidade do organismo humano. O homem é o único animal que não tem um habitat fixo na Terra.

A noção de individualidade — a capacidade de refletir sobre si mesmo, a percepção de sua identidade, o homem adquire em contato com seus semelhantes dos quais se distingue e com os quais se identifica.

Ao mesmo tempo em que o organismo se desenvolve, o contato com o meio ambiente se forma também, o eu humano.

A condição humana, pois é a dialética que se estabelece entre natureza (enquanto substrato biológico) e sociedade (meio ambiente) e em cada indivíduo, essa condição se renova.

E faz parte de sua natureza, a exteriorização pela atividade. Na dialética natureza e mundo socialmente construído, o organismo humano se transforma. O meio ambiente, a educação, vão modelar a natureza animal, configurando a cultura, explicitando os valores dela. Então, as próprias configurações da identidade obedecem a pressupostos da cultura. Por exemplo: a identidade feminina — que comportamento é desejado, que emoções são permitidas ao elemento masculino.

---

(\*) Professora do Departamento de Psicologia do Centro de Ciências Humanas da UFSC, e Mestre pela USP.  
Texto de conferência na Semana do Calouro de Psicologia, promovida pelo Centro Acadêmico Livre de Psicologia.

Assim podemos perceber que o homem não possui uma natureza estática, determinada. Mais que natureza, *o Homem é História*. Ele produz a realidade e com isso se produz a si mesmo. O homem é 'homo sapiens' na medida em que é 'homo socius'. Que interage num sistema sócio-econômico, político, cultural. E a totalidade de sua expressão depende de satisfação de necessidades em todos esses níveis.

Ora, transportando-nos à realidade de Brasil, de América Latina, de terceiro mundo, vivemos num sistema de classes *sociais*.

Nesse sistema, o trabalho pelo qual o homem exterioriza sua natureza, se tornou um instrumento de subjugação. Ao invés de se realizar pelo trabalho, pelo trabalho ele se aliena de si mesmo, do seu objeto de trabalho dos outros homens e da natureza.

A sociedade passa a não explicitar a natureza humana já que não possibilita a satisfação de necessidades como: alimento, abrigo, sexualidade, exercício muscular, repouso e, concomitantemente empobrece o nível de afetividade nas relações interpessoais e de grupo.

E a necessidade básica nessa sociedade é a necessidade de *normalidade*. Isto é, vivemos numa civilização normativa, dentro de expectativas e padrões de comportamento. Uma sociedade de instituições opressivas. Como toda norma é estreita; vemos que se gera toda sorte de discriminações: discriminações raciais: contra negros, judeus, ou amarelos, contra minorias sexuais (homossexuais por exemplo), contra mulheres (através do machismo), contra velhos (improdutivos ao sistema competitivo), contra doentes mentais (cuja razão não se coaduna com o padrão do sistema).

É interessante observar que o sistema capitalista ao invés de satisfazer as necessidades próprias do homem, através de sua indústria cultural, cria necessidades de sustentação ao próprio sistema. Através da propaganda, publicidade, relações públicas, demonstra o que se quer do homem, o que ele deve ser para estar incorporado, com êxito ao sistema. O homem adequado para o trabalho certo, por exemplo.

A alienação (que teve sua origem com a divisão social do trabalho) se estende a todos os níveis da atividade humana. Numa classe social mais oprimida economicamente (a grande maioria do nosso povo) a alienação aparece como carência absoluta em termos de trabalho, saúde, educação.

Hannah Arendt, coloca como inerentes à condição humana: o labor, o trabalho, a ação. O labor seria aquela atividade necessária à própria sobrevivência; a satisfação de necessidades básicas, tarefas sem as quais é impossível sobreviver. São tarefas repetitivas e monótonas, os serviços caseiros, toda alimentação e seu preparo, tarefas que, uma vez concluídas, se consomem imediatamente. Já o trabalho, é a forma pela qual o homem se perpetua, deixa sua marca, exterioriza sua natureza. No trabalho há uma visualidade prévia, elaboração mental e consecução final. Há multiplicidade enquanto o labor contém em si a repetição.

A ação seria a ação política, que os homens exercem pelo fato de conviverem; a ação e a palavra — o homem como ser político.

Mas o que nos interessa colocar é a natureza do trabalho na sociedade industrial. Ele se torna cada vez mais labor, mais repetitivo e monótono, menos criativo, sem percepção de sua amplitude no mercado, já não é a exteriorização da natureza, se restringe às necessidades do mercado. Exige-se apenas reflexos-bases, biologicamente a parte mais simples da natureza humana. Exemplo: as beneficiadoras de castanha no Nordeste — e o desencadear de neurose histérica.

Ainda poderíamos falar muito sobre os subempregos e, atualmente sobre os desempregados (em todos níveis sócio-econômicos da população) — que compete e já ganha maior ênfase de preocupação brasileira em relação à inflação.

Quando falávamos das carências extremas de grande faixa da população, colocávamos o aspecto da saúde. A dificuldade em manter a saúde e a grande dificuldade em recuperá-la. Falar de saúde é falar sobre: *alimentação* — sempre em quantidade não suficiente, sem a qualidade necessária. E sobre *habitação* — sem espaço adequado ao número de habitantes, daí os problemas de circulação de ar, água, com condições sanitárias inexistentes, etc. (a menos que nos lembremos de outro extrato um pouco superior, que realiza hoje seu sonho de casa própria, com um pesadelo de quinze anos).

E em termos de recuperação de saúde, conhecemos muito bem o que significa a assistência médico-oficial (Exemplo: o subemprego de pegar fichas no INAMPS a partir da meia-noite). Na área específica da doença mental, há os asilos, os atestados e as receitas de tranqüilizantes do psiquiatra.

Se pensamos em *educação*, como hipótese possível de ruptura com esse estado de coisas, tal possibilidade é extremamente remota. Há o abandono contínuo das escolas de 1º grau — porque falar além disso não é possível. Sem concluir o 1º grau, quanto mais seria se especializar — condição necessária a um mercado cada vez mais comprimido pela competitividade.

Deixando de lado a carência extrema, em todos os níveis, por sutil que seja, a repressão aparece no intercâmbio de pessoas com instituições. E além disso, e por isso certamente, todo um micro-organismo repressivo entre as relações interpessoais: o homem com a mulher, a mulher com os filhos, os homens contra os animais. Conforme Cooper: (— Que natureza humana é essa que precisa maltratar animais irracionais para se sentir racional?).

Vivemos numa civilização de culpa e como disse Freud, a culpa se acumula a níveis cada vez mais intoleráveis. Uma sociedade de dicotomias porque uma sociedade de normas estreitas. Vivemos conflitos de interior versus exterior, instinto versus ordem, o trabalho versus o lazer, o afetivo versus o social, a sensibilidade subjetiva versus ativismo político.

Entre as atividades humanas, as próprias especialidades "a serviço do homem", servem como executores de adaptação, como controle de conflitos".

Diz Maria Rita Kehl: "Nossas precárias tentativas de liberação correspondem às conquistas dessa época devidamente manipuladas pelo poder e pela indústria cultural, com a ajuda de nossa angústia". Temos ilusões de mudança a nível pessoal, sem aceitarmos as crises, as rupturas porque temos "estruturas razoavelmente confortáveis a perder".

Há exigências disciplinares no capitalismo — técnicas curativas de acomodação dos instintos, silêncio aos conflitos.

Estamos nessa sociedade acossados pelas pressões econômicas, insatisfações políticas, angústias existenciais, uma precariedade emocional que não é suprida pelo aperfeiçoamento técnico do desempenho sexual.

A luta contra a opressão é a luta contra a mistificação de nossas necessidades. Não percamos de vista nossa condição humana em transformação renovada em cada indivíduo pela sua troca com a sociedade.

Como especialidade que lida com o ser humano, em várias situações diferentes, compete à Psicologia perceber que tipo de concepção de homem está subjacente à sua atividade, seja ela curativa, profilática ou orientadora. Compreender a sua vinculação com a ideologia dominante, seu papel em relação ao poder.

Nós acreditamos que o mundo nunca está completamente constituído. E nossa liberdade de ação é falseada de seu sentido de espontaneidade se se unir a caminhos pré-determinados, nossa liberação, ao invés de absoluta não será mais do que a escolha entre dois marcos de referência (Cooper).

É importante que não só lutemos para permanecer como pessoa mas que sejamos milhões lutando para sermos um grupo de mudança (Cooper).

Darci Ribeiro fala que o intelectual tem o papel de dar ao povo, um espelho; um espelho em que ele se veja feio, banguela, doente, mas também que compreenda que ele é assim não porque é da natureza das coisas que assim seja. Tem que saber que é assim porque é lucrativo, porque os patrões ganham mais na medida em que o povo ganha menos. É o papel da denúncia.

É por isso que o psicológico (ou outro profissional da saúde) pelo seu trabalho, vai mostrar sua ideologia, de que forma está ligado ao sistema. Ele cuida de pessoas que se sentem incomodadas ou incomodam os outros. Qual o seu papel?

Cuidado com o profissional que não tem inquietude ideológica. Ele não está lendo a realidade. Só a percepção da realidade pode conduzir a possibilidade de mudança. Essas possibilidades extrapolam o individual mas também o massificante. "Nossa mais radical necessidade é *desnormalizar* a sociedade no sentido de atacar não apenas algumas mas todas estruturas repressivas". (Cooper).

É o nosso papel histórico, papel histórico do psicólogo do terceiro mundo — que mantém graças à sua opressão a liberdade do primeiro

mundo. É o papel de desmistificador, o seu papel social. Quando o psicólogo dá o seu diagnóstico está fazendo um juízo sobre a sociedade.

Se ele busca a mudança de comportamento do indivíduo, não pode deixar do lado de fora do consultório toda situação do indivíduo que o conduziu ali. Não se pode mais navegar impunemente no mar da neutralidade. Pode parecer conforme diz Sylvia Leser, — que a técnica esteja sendo invadida por considerações inoportunas e alheias à técnica — mas constituem paradoxalmente seu mais importante significado.

E por fim, nos lembremos que como sociais porque humanos, precisamos da comunhão com os homens, e com todo nosso conhecimento teórico e técnico, estamos perdendo a capacidade de nos emocionar.

Sobre isso, gostaria de sintetizar com essa frase:

“COMO O RISCO DE PARECER RIDÍCULO, PERMITA DIZER-VOS QUE O VERDADEIRO SENTIMENTO REVOLUCIONÁRIO É GUIADO POR GRANDES SENTIMENTOS DE AMOR”. (Che Guevara)

## Bibliografia

- 1 — ARENDT, Hannah — *La Condicion Humana*. Barcelona, Ed. Seix Barral, 1974.
- 2 — BERGER, Peter L. LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1978.
- 3 — COOPER, DAVID. *A linguagem da Loucura*. Portugal, Ed. Presença, 1978.
- 4 — MANTEGA, Guido *Sexo e Poder*. S. Paulo, Ed. Brasiliense, 1979.
- 5 — MARCUSE, Herbert, *A Ideologia da Sociedade Industrial*. O Homem unidimensional — R. Janeiro Zahar Ed. 1979.
- 6 — MELLO, Sylvia Leser — *Psicologia e Profissão* em S. Paulo, ed. Ática, 1978.
- 7 — MERANJ, Alberto L. *Psicologia e Alienação*, R. Janeiro, Paz e Terra, 1972